

CAPÍTULO VII

A IRONIA NA COMUNICAÇÃO HUMANA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César¹
Claudia Sordi¹
Raphaela Barroso Guedes-Granzotti¹
Armindo Freitas-Magalhães²

¹ Docente – Universidade Federal de Sergipe, campus Professor Antônio Garcia Filho, Lagarto, Sergipe, Brasil.

² Docente – Universidade Fernando Pessoa – Porto/Portugal.

INTRODUÇÃO

A comunicação humana ocorre por meio dos recursos verbais e não verbais¹ que, em conjunto, expressam informações importantes para que haja interação social e revelam a atitude, o estado emocional e a personalidade do falante².

Os recursos não verbais podem completar, contradizer ou até mesmo substituir a comunicação verbal¹, sendo importante o seu reconhecimento.

Neste capítulo, o foco é o uso da ironia na comunicação humana. Segundo a literatura³, o emissor, ao usar uma comunicação que utiliza mensagens intencionalmente diferentes de um determinado fato, como no sarcasmo e na ironia, utiliza-se de diferentes processos, dentre os quais a consistência entre o enunciado e o contexto. Já o ouvinte precisa analisar o enunciado e o fato, reter a informação em sua memória de trabalho, comparar a compatibilidade entre o fato e o que foi expresso por diferentes fontes e, finalmente, detectar a inconsistência na informação. Outro processo utilizado é a análise, por parte do ouvinte, do motivo desta incongruência: se foi um engano do sujeito emissor ou se o seu uso foi intencional, desta forma, o ouvinte fará uma inferência ou um julgamento da intenção do emissor.

Deve-se também considerar que algumas variáveis podem interferir na percepção da ironia, como o grau de escolaridade do ouvinte e do emissor, em virtude de sua função protetora (por exemplo, ironia crítica é mais bem percebida do que a crítica literal, principalmente quando o ouvinte tem um grau de escolaridade menor do que o emissor), da responsabilidade do ouvinte (se apresenta ou não alguma “culpa” para receber uma mensagem irônica de cunho negativo, sendo tido o seu uso como um recurso inteligente para se fazer uma crítica) e o estado e traço de ansiedade do sujeito⁴.

Tendo-se o conhecimento das variáveis que interferem na compreensão da ironia e da idade de aquisição da expressão facial associada à ironia, poderá ser facilitada a identificação de crianças que apresentem dificuldades em lidar com a interpretação de metáforas (linguagem não literal em sentenças), de prosódia linguística e emocional, muito comuns em lesões do hemisfério direito do cérebro, em distúrbios psiquiátricos (autismo, Asperger e esquizofrenia) e que dizem respeito aos processamentos pragmático-inferencial, léxico-semântico e prosódico⁵ (Fonseca et al., 2008), bem como em deficientes auditivos⁶, justificando estudos fonoaudiológicos nesse sentido.

Pressupostos teóricos da ironia

O pressuposto adotado por Ackerman³ está alicerçado na teoria da ironia de dois estágios (ou sequencial), que exige a interpretação e a reinterpretção de um determinado conteúdo/evento. No entanto, há pesquisadores que defendem que a ironia é interpretada diretamente, sendo considerada como teoria da ironia de um estágio ou equivalente⁷.

Já para Kapogianni⁸ (*apud* Kapogianni⁹), três são os elementos necessários para a presença da ironia: 1) o fundo de contraste (de ideias, crenças ou expectativas); 2) incongruência entre o que é dito e o contexto (seriam as declarações contrafactuais ou estar em oposição com as expectativas contextuais) e; 3) expectativa de atitude do falante, pois geralmente este faz uma avaliação, que geralmente é negativa, mas não necessariamente, como no elogio irônico¹⁰ e na ironia asteica⁷, por exemplo.

Alguns pressupostos teóricos e hipóteses tentam explicar como ocorre a ironia, como a Teoria Ecóica¹¹⁻¹³, quando a expectativa do ouvinte não é atingida; a Teoria da Pretensão¹⁴, cujo foco é a intenção do emissor em produzir um enunciado irônico; a Teoria da Pretensão Alusória¹⁵, quando há uma alusão à falha de expectativa do ouvinte pelas atitudes do emissor; a Hipótese Tinge¹⁶, quando há a avaliação da “tonalidade” da mensagem (efeitos positivos ou negativos); a Hipótese de Gradação de Saliência¹⁷, que consiste em analisar o que é ou não relevante no discurso para o julgamento de sua coerência ou não; a Teoria da Exibição/Demonstração Implícita¹⁸, na qual o contexto, a intenção do falante e as marcas da ironia no enunciado geram uma quebra da regra pragmática do discurso; e a Teoria do Contraste e Assimilação¹⁹, quando são avaliados o quanto o julgamento é próximo ou distante da informação alvo.

Como a ironia se expressa na comunicação humana?

Esta é uma pergunta que ainda carece de muitas pesquisas para sua devida compreensão. Porém, alguns autores, principalmente da área da linguística, têm se debruçado sobre o assunto.

Como a principal característica da ironia é expressar algo, conscientemente, de forma incongruente ao contexto, algumas marcas expressivas podem facilitar o seu reconhecimento.

Na voz, as pistas acústicas revelaram redução da frequência fundamental e da relação harmônicos-ruído (HNR), com mudanças também na ressonância². Já Ferreira²⁰ constatou diferenças prosódicas da ironia entre a

fala espontânea e a atuada. Verificou que a medida acústica da frequência fundamental está aumentada na atuação, com variações exageradas/caricaturadas nos movimentos melódicos, mostrando que a fala atuada pode não ser a ideal para os estudos relacionados com a ironia. Acrescentou que na ironia espontânea há a tendência para uso de frequência fundamental mais alta, maior duração dos segmentos da fala e menor tessitura.

Rockewell²¹ caracterizou as marcas expressivas vocais da ironia como monotonia na entonação, ritmo de fala mais lento, *pitch* mais baixo e *loudness* aumentado quando comparadas às expressões literais.

Pesquisadores²² constataram maior uso de ênfases, de frases com configurações interrogativas (inflexão ascendente), de quebras/pausas prosódicas e maior duração de sílabas.

Quando a ironia é utilizada nos discursos orais, suas pistas linguísticas caracterizam-se muitas vezes por enunciados cômicos, frases longas, com repetições de palavras ou até mesmo frases, uso de superlativos ou de expressões em desuso, utilização de perguntas retóricas, entre outros, sendo sempre importante analisar tais pistas mediante análise do contexto²³.

Para que possa ser expressa na linguagem escrita, deve haver cumplicidade entre quem escreve e quem lê, com mesmo escopo de informações, além de a exigência do contexto de incongruência facilmente visualizado no texto. Alguns recursos tipográficos podem ser utilizados como o itálico e o uso de aspas, além de textos que expressem a incongruência desejada, a fim de demonstrar o jogo da ironia²⁴.

Porém, neste quesito, há uma diferença interessante a ser mencionada em relação ao efeito cultural no uso da ironia escrita. Pesquisadores²⁵ comentaram que na China há um marcador típico da ironia nesta forma de comunicação, chamado de “construção-bei” (bei-XX), e é utilizado na escrita para facilitar a identificação do leitor de que aquele enunciado é irônico e tornou-se um padrão reconhecido e aceito para expressar desaprovação e crítica no discurso dos meios de comunicação chineses, algo que parece não acontecer em outros lugares do mundo.

Em relação ao corpo, há maior tendência de movimentos de cabeça (inclinação e movimentos laterais) durante a produção de discursos irônicos e em relação à face, maior mudança na direção do olhar (desvio do olhar durante o discurso irônico) e sorriso e/ou risada durante o enunciado irônico, lábios esticados, elevação de sobrancelhas²² e presença de sorriso^{22, 26} e/ou a risada²².

No entanto, cabe ressaltar que durante a produção de discursos irônicos pode haver inexpressividade²⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ironia é largamente utilizada na comunicação humana e sua compreensão é importante para a tomada de decisões, para o julgamento do real conteúdo expressivo, para o ajustamento das emoções (determinando a distinção entre a intenção e o sentido real, literal), para o uso nas artes cênicas e como medida de expressar, de forma mais sutil, mensagens cujos conteúdos emocionais sejam considerados negativos.

Mas para que seu efeito ocorra, faz-se necessário que os enunciados irônicos venham acompanhados de contextos extralinguísticos, como os vocais e os não verbais, segundo a literatura²⁷.

Pesquisadores têm descrito que a compreensão de enunciados irônicos é possível pela presença de tais contextos, incluindo os recursos audiovisuais produzidos após a emissão de discursos irônicos, porém pouca literatura tem sido produzida na Fonoaudiologia neste sentido, sendo importante o seu incremento.

REFERÊNCIAS

1. Ramos AP, Bortagarai FM. A comunicação não-verbal na área da saúde. Rev. CEFAC. 2012; 14(1):164-70.
2. Cheang HS, Pell MD. The sound of sarcasm. Speech Communication. 2008; 50:366-81.
3. Ackerman BP. Young children's understanding of a speaker's intentional use of false utterance. Developmental Psychology. 1981; 17:472-80.
4. Gucman M. The role of individual differences and situational factors in perception of verbal irony. Psychology of Language and Communication. 2016; 20(3):255-77.
5. Fonseca R P, Parente MAMP, Côté H, Ska B, Joannette Y. Apresentando um instrumento de avaliação da comunicação à fonoaudiologia brasileira: bateria MAC. Pró-Fono Revista de Atualização Científica. 2008; 20(4):285-92.
6. Wang Y, Su Y, Fang P, Zhou Q. Facial expression recognition: Can preschoolers with cochlear implants and hearing aids catch it? Research in developmental disabilities. 2011; 32(6):2583-8.
7. Attardo S. Irony as relevant inappropriateness. Journal of pragmatics. 2000; 32(6):793-826.
8. Kapogianni E. Irony and the literal versus nonliteral distinction: a typological approach with focus on ironic implicature strength (Ph. D. thesis). University of Cambridge, England; 2013.

9. Kapogianni E. The ironic operation: revisiting the components of ironic meaning. *Journal of Pragmatics*. 2016; 91:16-28.
10. Dews S, Winner E, Kaplan J, Rosenblatt E, Hunt M, Lim K, McGovern A, Qualter A, Smarsh B. Children's understanding of the meaning and functions of verbal irony. *Child development*. 1996; 67(6):3071-85.
11. Kreuz RJ, Glucksberg S. How to be sarcastic: The echoic reminder theory of verbal irony. *Journal of Experimental Psychology: General*. 1989; 118:374-86.
12. Sperber D, Wilson D. Irony and the use-mention distinction. In: Cole P (Ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press; 1981. p. 296-318.
13. Sperber D, Wilson D. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press; 1986.
14. Clark HH, Gerrig RJ. On the pretense of irony. *Journal of Experimental Psychology: General*. 1984; 113:121-6.
15. Kumon-Nakamura S, Glucksberg S, Brown M. How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. *Journal of Experimental Psychology: General*. 1995; 124:3-21.
16. Dews S, Winner E. Muting the meaning: a social function of irony. *Metaphor and Symbolic Activity*. 1995; 10:3-19.
17. Giora R. Discourse coherence and theory of relevance: stumbling blocks in search of a unified theory. *Journal of Pragmatics*. 1997; 27:17-34.
18. Utsumi A. Verbal irony as implicit display of ironic environment: distinguishing ironic utterances from nonirony. *Journal of Pragmatics*. 2000; 32:1777-806.
19. Colson HL. Contrast and assimilation in verbal irony. *Journal of Pragmatics*. 2002; 34:111-42.
20. Ferreira WMAC. Prosódia da ironia: fala espontânea x fala atuada. *Cadernos do IL*. 2015; 50:48-77.
21. Rockwell, P. Lower, slower, louder: vocal cues of sarcasm. *Journal of Psycholinguistics Research*. 2000; 29(5):483-95.
22. González-Fuente S, Escandell-Vidal V, Prieto P. Gestural codas pave the way to the understanding of verbal irony. *Journal of Pragmatics*. 2015; 90:26-47.
23. Guimarães MJ. Ironia: uma primeira abordagem. *Revista da Faculdade de Letras, Língua e Literaturas*. 2001; 18:411-22.
24. Benetti M. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. *Líbero*. 2007; 20:37-46.
25. Yao J, Song J, Singh M. The ironical Chinese bei-construction and its accessibility to English speakers. *Journal of Pragmatics*. 2013; 55:195-209.
26. Freitas-Magalhães A. *A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano*. 2ª ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa; 2009.
27. Conz J. *Ironia verbal: teorias e considerações*. Monografia [Licenciatura em Letras], Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil; 2010.

Como citar este capítulo:

César CPHAR, Sordi C, Guedes-Granzotti RB, Freitas-Magalhães A. A ironia na comunicação humana: considerações iniciais. In: César CPHAR, Paranhos LR, Sordi C, organizadores. *Coletâneas em saúde*. São José dos Pinhais: Editora Plena; 2017. 6v. p.77-82.